LEITURA-ENSAIO

DIRIGIDA POR
FERNANDO MORA RAMOS

COM
ALÍNEA B. ISSILVA
EDUARDO RAON
JOSÉ LUÍS FERREIRA
FERNANDO MORA RAMOS

MONTAGEM DE TEXTOS
TERESA ALBUQUERQUE

ESPACIALIZAÇÃO SONORA E MÚSICA
EDUARDO RAON

MONTAGEM CENOGRÁFICA, ILUMINAÇÃO E OPERAÇÃO DE SOM
FILIPE LOPES

OPERAÇÃO DE LUZ
SANDRA TEIXEIRA
(REGIME DE VOLUNTARIADO)

COMUNICAÇÃO
NUNO MACHADO

FOTOGRAFIA
MARGARIDA ARAÚJO

DESIGN GRÁFICO
JOSÉ SERRÃO

MAIORES DE 16 ANOS

TEMPO DE DURAÇÃO 1h 15m

UMA CO-PRODUÇÃO
TEATRO DA RAINHA / blablalab

TEATRO IMPOSSÍVEL

DE
ALVARO GARCÍA DE ZÚÑIGA

TEATRO DA RAINHA

blablalab

5, 6 e 7 de JULHO 2018 às 21h30
NA SALA-ESTÚDIO DO TEATRO DA RAINHA

— E se alguém se esquece de desligar o telemóvel.

— E lhe telefonam.

— Porque ganhou uma *pizza*.

— A entregar durante a representação.

— Antes ou depois do outro se zangar?

— Que outro?

— Aquele que não está escrito.

— Não sei. Não está escrito.

INFORMAÇÕES E RESERVAS:
262 823 302 | 966 186 871
www.teatro-da-rainha.com
comunicacao@teatro-da-rainha.com

COMPANHIA FINANCIADA POR
REPUBLICA PORTUGUESA CULTURA
dgARTES DIRECÇÃO-GERAL DAS ARTES
CALDAS DA RAINHA Câmara Municipal

APOIOS À COMUNICAÇÃO
Gazeta das Caldas
JORNAL DE CALDAS
mais oeste rádio 94.2fm
ANTENA 2
Jornal i

Teatro Impossível, por isso de tentar. Jogo de sons, jogo de sentidos? Sim, não, jogo de falta de sentido, com ou sem *S*. Portanto sentidos, sentido, sentidos sentidos, vividos. Afinal somos um instrumento. Chamamos-lhe corpo. Capaz de tudo o que já foi tudo, máquina assassina, suicidária, verbal. Aqui logocêntrica, monologante, disruptiva. Sem limites, nem de nada, variações como sobrevivência, amor dos textos, do outro, de outrar. Em nome de um umbiguismo salutar, discêntrico — que o ego visto no espelho lembra a nossa alegria neandertal.

FERNANDO MORA RAMOS

~~*Théâtre Impossible*~~ *Teatro Impossível*, assim com esta grafia, estreou em Novembro de 1998, no ACARTE. Foi o resultado de uma encomenda que Yvette Centeno dirigiu a Alvaro García de Zúñiga. Foi a primeira peça que o AGZ escreveu e encenou. Foi dedicada a Leopold von Verschuer, actor bilingue franco-alemão, único actor em cena.

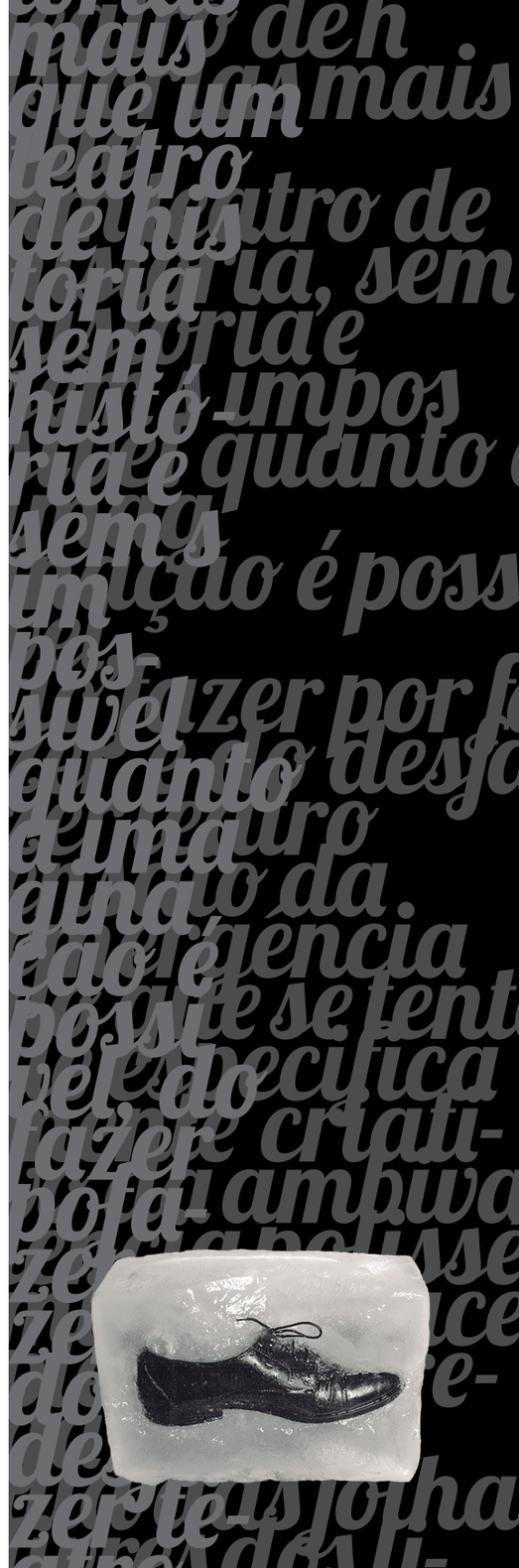
A peça estreou em francês, em Lisboa, — daí o *Théâtre Impossible* rasurado. A tradução foi de Dóris Graça Dias.

A versão que trazemos à Sala-Estúdio do Teatro da Rainha, é uma reinvenção da peça, como quase fatalmente acontece com qualquer realização cénica de AGZ que sempre se exercitou a tirar virtuosamente partido do acaso — ou das oportunidades — que cada circunstância específica pode conter. Irrepetível, portanto. Desta vez, de resto, os intérpretes serão pelo menos quatro (mesmo se a lista de personagens é muito maior, e em grande parte também não se conhece).

Esta remontagem inclui ainda um texto inédito de AGZ: o «Manual de Instruções» da peça *Errare Humanum Est* que se apresenta em jeito de prólogo depois de uma pré-abertura intempestiva. De resto a estrutura assenta na sequência dos 6 «logos» da peça *Logues*, blocos de textos bio-filolosóficos para uma, ou várias vozes.

A forma desta apresentação é uma leitura-ensaio des-e-concertante com um pé no teatro e outro na música. É um dos muitos resultados para que os textos de AGZ podem conduzir, com inteligência, sensibilidade e humor, certamente, mas sem a pretensão de chegar a algum lado.

AGZ nasceu em Montevideu em 1958 e viveu em Lisboa os seus últimos 20 anos de vida. Em 1996, criou comigo a associação **blablaLab**, que este ano organiza o programa *Alvaro LX*, que assinala o 60º aniversário de AGZ, e ao qual se juntaram a companhia Teatro da Rainha e a Miso Studio, para a produção desta peça. Ao Fernando Mora Ramos, ao José Luís Ferreira e ao Eduardo Raon que dão corpo, voz e espírito, tornando possível o improvável teatro impossível, os nossos profundos agradecimentos; bem como à Yvette Centeno e ao Leopold von Verschuer, indissociáveis da génese desta obra.

TERESA ALBUQUERQUE

29 de Junho 2018